

---

ABEL, Oliver; DUHAMEL, Alain *et alii*: *Le Christianisme: quel impact aujourd'hui*. Paris: Les éditions de l'Atelier/Les éditions ouvrières, 2004. 119 pp., 20 X 11,5 cm. ISBN 2-7082-3774-8.

---

Os protestantes, preocupados em ter certa visibilidade no pensamento teológico na França, promoveram uma sessão, organizada no Temple de l'Étoile, pelo pastor A. Houziaux. Por essa ocasião, houve apresentação e debate dos temas tratados neste livro.

O prefácio de O. Abel manifesta essa preocupação de visibilidade teológica e pensante por parte dos protestantes. Logo de início, foi proposta a cinco pessoas a questão: o cristianismo forjou as culturas européias: ele o faz ainda hoje? O cardeal J.-M. Lustiger responde usando um conceito de cultura a partir do sujeito e da liberdade e não do objeto, do que se produz, da cultura objetivada. A cultura cristã é universal. Entende-a como “essa realidade da comunhão na fé que os cristãos experimentam”. “Ela se manifesta na medida da liberdade que ela faz nascer nos cristãos”, na profissão da mesma fé, na afirmação da mesma realidade por meio da liberdade. São pessoas que comungam no mesmo ato. E este ato é o do Espírito em nós que nos une a Cristo. Há uma maneira singular de viver a vida humana na fé. Aí está a cultura cristã universal, malgrado as diferenças objetivas das culturas. O cardeal termina sua breve exposição com a interrogação, depois de descrever traços da cultura atual: Como viver enquanto cristão nessa cultura? Como

fazer que nossa maneira de viver mude essa cultura em seus eixos e nas suas escolhas para que eles sejam mais respeitosos da dignidade humana e deixem lugar suficiente à liberdade do espírito para adorar a Deus e reconhecer seu amor? Segue-se o debate ouvindo os debatedores A. Houziaux, O. Abel, A. Duhamel.

A. Duhamel disserta em seguida sobre a Europa e as religiões. Constata a comunhão de história, cultura e memória entre a Europa e o cristianismo, embora tenha havido outras raízes religiosas – judaicas e islâmicas – e culturais – greco-romanas com o forte acréscimo do Iluminismo. Apesar de sofrer forte enfraquecimento, o cristianismo ainda joga papel político importante na Europa de hoje. A longa memória da relação entre Europa e cristianismo está longe de ser “evangélica”. Houve muitas sombras. No entanto, com respeito à união européia, o papel, sobretudo da Igreja católica, tem sido positivo. No contexto da relação do Estado com a religião, o A. trata com certa amplitude as questões da interdição do uso do véu islâmico na França, da entrada da Turquia para UE. Ao texto, segue-se um debate.

O. Abel responde a pergunta: Deus faz política? A resposta sim ou não tem seus problemas: teocracia ou fuga da

política. O A. espoca reflexões sobre o pensamento de Paulo em Romanos 13 feitas por Paul Ricoeur que, por sua vez, se inspira nas duas interpretações sobre Paulo de K. Barth: a linha antipolítica (1919) e a crítica ao Estado (1933). As datas permitem entender a mudança de Barth: final da 1ª guerra e início do regime nazista. Passa-se de uma concepção de Estado como mal menor para uma de resistência ao Estado, quando ele assume postura de maldade. Paul Ricoeur chega até a uma militância socialista cristã numa atitude de vigilância crítica no campo da política na década de 30. Nas pegadas de K. Barth e Paul Ricoeur, o A. propõe uma equação: enfrentar ao mesmo tempo o duplo perigo de retirar-se do político sob o pretexto de o mundo ser mau com o risco da omissão, e de afirmar o senhorio imperial de uma teologia política com o risco de voltar-se para a teocracia. No fundo, trata-se de buscar uma articulação entre escatologia (potência crítica) e resistência (ação concreta). Assumir a racionalidade do Estado e criticar sua irracionalidade. Não politizar o que está à margem da política, evitando a doença do politicismo. Segue-se a este texto um debate.

Estado e religião ocupam as preocupações de Pierre Joxe. Ele começa com a famosa disputa de Jesus com os fariseus sobre o imposto a César (Mc 12,17). Que significa pagar imposto, dar a Deus o que é de Deus? O texto trata de três pontos. Recupera um pouco de história, analisando a interferência recíproca entre religião e política, como regra quase absoluta nas sociedades antigas. Depois, num segundo momento, mostra como tal regra é teoricamente abolida nas sociedades democráticas contemporâneas. Essa problemática esteve no coração da construção dos Estados modernos. Finalmente examina o caso específico da França, como um caso original e singular na Europa

e no mundo. Termina tratando em particular do Islã, por causa da atualidade de tal situação.

O livro reproduz, no final, um texto de Paul Ricoeur sobre o Cristão e a civilização ocidental, publicado como artigo em *La Revue du christianisme actuel* (1946) e retomado em *Autres Temps* (n. 76-77). O texto, já antigo, inclui uma análise dos elementos mais humanos de uma civilização. Aí se reflete mais particularmente sobre o modo original de uma civilização subsistir e desenvolver-se historicamente, detendo-se sobre *nossa* civilização ocidental. Finalmente traça um esboço dos pólos divergentes de um compromisso político e social do cristão a respeito dos elementos mais humanos.

O A. faz cinco observações gerais sobre a civilização. Pertencemos a uma civilização como estamos ligados ao corpo; uma civilização tem contornos geográficos e históricos; cada civilização que nasce e morre faz aparecer valores originais; os valores só se conservam pela memória e invenção dos humanos e os valores das civilizações são garantidos pelos valores religiosos. Sobre a *nossa* civilização ocidental, o A. aponta tarefas: encontrar-lhe a esfera histórico-geográfica e os contornos; reconhecer os valores revelados por essa história; descobrir a forma moderna dessa invenção dos valores. Termina a reflexão falando sobre a responsabilidade cristã da civilização.

É um livro nitidamente francês. E a partir daí se fazem reflexões mais amplas. Mas o interesse principal é a situação da relação entre Estado e religião, Estado e cristianismo na atual conjuntura francesa.

João Batista Libanio SJ

São três professores da Universidade Lateranense de Roma que editam esse conjunto de trabalhos. O interesse comum e interdisciplinar – filosofia, teologia e ciências da religião – se uniu em torno da temática do fundamentalismo para essa produção junto à Faculdade de Filosofia da Pontifícia Universidade Lateranense em abril de 2002, por iniciativa do Card. Angelo Scola, atual patriarca de Veneza, e então reitor da Universidade. Trata-se de avaliar a questão do fundamento como um dos fios condutores centrais do pensamento ocidental, tanto sob a perspectiva da história da filosofia quanto sob o aspecto teórico, que co-envolve também a teologia. Tornou-se inevitável o confronto da religião cristã com as outras religiões.

As duas primeiras partes do livro têm um forte peso filosófico. À guisa de introdução, está o texto do Card. Angelo Scola: Que fundamento? Parte da afirmação de Paulo de que nenhum outro fundamento é posto diverso de Jesus Cristo (1Cor 3, 11). Pretende responder a pergunta posta pela Encíclica *Fides et ratio*: como passar do fenômeno ao fundamento? Levanta então a questão primeira: existe fundamento? E se existe, de que se trata? Parte da análise da óbvia afirmação: Alguma coisa se dá a alguém. Desemboca na categoria do testemunho do dom e afirma a Cristo como único fundamento. Seguem-se dois corolários a respeito do fundamentalismo e do diálogo inter-religioso.

O livro apresenta nas duas primeiras partes uma série de estudos monográficos estritamente filosóficos: A filosofia primeira e a pesquisa das causas ou do fundamento (M. Bastit); Fundamento, fundamentalismo e diálogo no pen-

samento medieval (I. Sciuto); A questão do fundamento em Santo Tomás de Aquino (M. Pangallo); Kant e a pesquisa do Incondicionado (G. Sala); O fundamento na Ciência da Lógica de Hegel (L. Messinese); Heidegger e o fundamento do Nihilismo (C. Esposito); Filosofia como fundamento (A. Molinaro); Fundamento e fundação (P. Pagani); Para uma fundação alética do discurso (A. Livi); A metafísica como semântica autêntica (A. Pieretti); Dos fenômenos ao fundamento – *Fides et ratio*, 83 – (H. Seidl).

Fazendo jus ao aspecto teológico do livro, segue um conjunto de textos dessa natureza: Princípio e fundamento na lógica da fé cristã (G. Lorizio); Kénosis e secularização na reflexão teológica do século XX (C. Dotolo); O ser de Deus. Os limites do pensamento teológico depois de Heidegger (L.-P. Hemming); Fundamentalismo “ortodoxo” e “tradição religiosa” (G. Marani); O fundamentalismo e o hebraísmo (P. Stefani); Causas e expressões do integralismo islâmico (M. Borrmans); O fundamentalismo e o hinduísmo (F. A. Machado); O paradoxo do fundamentalismo. Notas conclusivas (V. Melchiorre).

Pelo simples elenco dos temas, o leitor pode perceber que se trata de uma abordagem especializada de viés clássico e de interesse específico filosófico e teológico. Os especialistas encontrarão idéias com que debater, já que são estudos sérios e bem fundados, dentro de uma perspectiva crítica ao pensamento pós-moderno situado na vertente antes relativista e niilista.

João Batista Libanio SJ

---

MEIER-SEETHALER, Carola: *Das Gute und das Böse: mythologische Hintergründe des Fundamentalismus in Ost und West*. Stuttgart: Kreuzverlag, 2004. 170 pp., 21 X 13,5 cm. ISBN 3-7831-2387-9.

---

A autora é psicóloga e filósofa. Estuda dois grandes símbolos: o “matador de dragão” e o “portador de vida”. O primeiro exprime o símbolo universal para a luta contra o mal e o segundo é uma contra-imagem para o ideal patriarcal do herói. O estudo conjuga dois níveis de reflexão. De um lado, tem o olhar voltado para a realidade presente em que vive um fundamentalismo, já não limitado a nenhuma religião ou cultura, fazendo apelo a uma guerra santa por parte do Oriente islâmico e do Ocidente americano e, de outro, recorre para sua mais cabal inteligência a estruturas simbólicas profundamente enraizadas nas culturas. Trabalha-as sob a forma dos dois símbolos do “matador de dragão” e do “herói ideal” patriarcal na contra-imagem do “portador de vida”.

A figura do deus do sol Marduk, tornado deus do Estado, depois do destronamento do ofício da suma sacerdotisa como representante da deusa Ishtar, trouxe profunda mudança cultural por volta do segundo milênio a. C. (tempo do rei Hammurabi: 1793-1750 a. C.). Desloca-se de uma sociedade matriarcal para patriarcal e nesse contexto aparece o motivo do “matador de dragão”, como mito fundador da toma de poder patriarcal e que trará roteiro para toda a cultura ocidental. No mundo judaico, repete-se o mesmo tema em relação a Javé, que mata o Leviatã, e ao arcanjo Miguel que aniquila a cobra satânica, decretando guerra ao princípio do mal. Na iconografia cristã, o arcanjo Miguel, haurido da mitologia judaica, desempenha papel central na doutrina do pecado e na mortificação dos desejos carnaais, como tentação do demônio. Ao lado da luta contra o inimigo interior entra logo a luta contra os infiéis, que o arcanjo

Miguel, como “miles christianus”, move. O contrapeso terrestre do arcanjo se encontra em São Jorge que, montado, se veste de trajes bélicos de cavaleiro. Desde o século XII ele é venerado como um dos mais populares santos, modelo para os cruzados na luta contra os infiéis. Mais tarde aparece com papel de herói no contexto das guerras nacionais de libertação e de imagens românticas, com presença infinita em bandeiras, moedas, medalhões, ordens e até nos tempos da primeira guerra mundial.

Hoje tais imagens religioso-marciais foram esquecidas, mas voltam em formas modificadas. Sob a figura do Superman inscrevem-se, de volta, nos filmes de *science-fiction*, as representações mitológicas antigas de maneira enganadora. O herói ocidental americano é interpretado como uma edição profana daquele lutador pelo bem contra o mal, o qual os “pais imigrantes” erigiram como programa da conquista da América na luta contra os índios. G. Bush desperta tal *pathos* religioso sob o qual se esconde um fundamentalismo cristão. Com a queda do comunismo, o eixo do mal se deslocou contra o mundo islâmico e contra todos os inimigos dos EUA até a declaração de guerra contra o terrorismo depois do 11 de setembro.

Na primeira parte, estuda-se o mito de Marduk que revela o momento de transição de uma sociedade não belicista, feminina para o império androcêntrico e beligerante que marcará a cultura e sociedades que se seguirão. Ela discorda da tese de Freud. Pois para ela no início não existia uma barbárie que somente aos poucos, sob a condução da razão masculina e da ciência, foi transformada em relações de paz. Pelo contrário: hoje vivemos a mais terrível

cultura da guerra em que 50% dos cientistas americanos trabalham para o desenvolvimento do sistema bélico enquanto no período anterior a Hammurabi, sob a regência feminina, não se experimentava tal violência.

O ponto de partida da investigação da segunda parte do livro, dedicada ao mito do “carregador de vida”, como contra-imagem do herói ideal de cunho patriarcal, é São Cristóvão, o “carregador masculino de vida”. Foi objeto durante a Idade Média das mais frequentes e inúmeras representações entre os santos. O livro apresenta uma sequência de imagens em que este tema aparece: o bastão verdejante, a travesia do vau, fisionomia e roupas do santo como alusões a divindades da vegetação. O motivo comum é carregar a vida.

O símbolo do matador de dragão firmou-se num viés anti-feminino, enquanto esse motivo masculino do portador da vida se liga com o feminino na forma da ninfa, que está presente num lugar central na ultrapassagem da água. A autora quer refutar a posição de que as polaridades sexuais são parte de uma estrutura simbólica primigênia e arquetípica a partir do fundamento cósmico do papel masculino no princípio superior do espírito em relação à mulher que teria as forças passivas e terrenas da vida. Tese que o movimento de emancipação da mulher refutou, ao recorrer à distribuição de papéis mais antiga e esquecida. Estamos somente no começo do fim da luta do gênero. Não basta o processo histórico das mulheres, se os homens não corrigirem a fixação no poder e eficiência. Só uma compreensão da totalidade do processo vital e a inserção do homem no cuidado concreto da vida em desenvolvimento podem conduzir a uma mudança de paradigma na visão do progresso cultural.

O livro é colocado sob a ótica de uma crítica ao androcentrismo, retirando-lhe

o fundamento cultural e explicando o momento em que tal posição se firmou no mundo mitológico e simbólico através do estudo dos dois mitos do “matador do dragão” e do “portador da vida”. Parte de um problema atual e real, recuando aos arquétipos que presidiram nossa cultura.

Encontramos o tema do “matador do dragão” nos vestígios sumérios e acádicos, que remontam à metade do 3º milênio a. C. O livro estuda-o, ao analisar e interpretar selos, pinturas de parede, relevos, entalhes em marfim, desenhos de diferentes épocas que variam entre 2.900 aC e 700 a. C., descobertos na região estudada.

Em capítulo seguinte, a A. faz a mesma coisa a respeito da Antiguidade grega e romana, descrevendo minuciosamente figuras em desenhos de vasos, de ânforas e de escudos, em estatuetas, em mosaicos.

Ela encontra paralelos significativos do tema do matador de dragão babilônico e grego com os mitos da Hidra que Héracles (Hércules) mata e da Medusa, que Perseu decapita. O texto aborda outros personagens e cenas míticas que se relacionam com o tema central do matador do dragão e da temática da relação masculino e feminino, onde o feminino aparece na dualidade da sedução e da ameaça/perigo, gerando no masculino atitudes agressivas até o assassinato num contexto tipicamente patriarcal.

A visão cristã assume a tradição do arcanjo São Miguel na sua pluralidade de significados. Na época de Carlos Magno aparece uma das primeiras representações de S. Miguel como matador do dragão. Segue-se-lhe uma longa história de pinturas e quadros.

S. Miguel tem também uma tradição ligada com o “Sacro Império Romano da Nação alemã” desde Carlos Magno

(séc. VIII/IX). A partir do século XII a figura de S. Jorge sobrepõe-se à do Arcanjo, simbolizando com seu traje de cavaleiro o exército mundano do poder espiritual. Essa figura exerce na Idade Média enorme papel. Até Hitler se deixou fotografar em 1937 vestido com uma armadura de prata, como um novo cavaleiro S. Jorge.

Esta parte do livro termina com um capítulo em que a ciência moderna, o *superman* americano assumem a luta contra a morte e o demônio numa maneira já secularizada. É a vitória do domínio masculino da razão, da ciência sobre a realidade feminina da natureza, anunciando uma idade ainda mais machista. A heróica figura do super-homem atravessa a história da cultura da modernidade sob sempre novas versões literárias e imagéticas. A A. faz recuar a Francis Bacon (1561-1626) esse movimento de ruptura entre ciência e natureza, com o domínio da primeira sobre a segunda.

A segunda parte do livro estuda, como contra-imagem desse ideal patriarcal de herói, o carregador de vida. Aqui o personagem central é São Cristóvão com sua lendária figura numa história cheia de sombras. A ele se associam duas cenas misteriosas: ter carregado o menino Jesus e ter o bastão de ferro verdejado e florescido. O livro percorre uma série de mitos que se vinculam com a estória de S. Cristóvão, seja sob a forma de carregar a criança quanto à do bastão florido. Com apoio de figuras, constata-se a semelhança entre o santo e cenas da mitologia grega. Além de representações grandiosas em estilo bizantino e de figuras suaves, adonistas, há também nas regiões montanhosas um outro tipo bem diferente de S. Cristóvão. Recorda o homem selvagem e o homem verde nas suas diversas expressões religiosas. O texto relaciona também o santo com a ninfa para deitar-se na sua figura de condutor, fazem-

do relembrar a época pré-cristã do mito de Caronte.

Na série de portadores de vida, aparece Francisco de Assis, no seu programa de rejeição de toda forma de dominação. Não é um asceta, nem desprezador do corpo. Pela sua extraordinária capacidade oblativa exprime o seguimento de Cristo. Mostra diante de Clara uma novidade de relação de igualdade. Muitos traços de sua pessoa assinalam essa dimensão de respeito perante a vida.

Fecham o livro dois capítulos sobre o homem e a ciência emancipados na busca de nova identidade e co-responsáveis pelo manter a vida. Há uma diferença de clareza entre o homem e a mulher na confecção da imagem de sua identidade, sendo os homens mais inseguros que as mulheres. Daí a importância de esclarecer o que significa a emancipação por parte deles e delas. Emancipação tem a ver com a relação de força e dos dogmas intelectuais, de um lado, e, de outro, com as coerções dos papéis sociais. As estruturas dominadoras de pensar vão juntas com as opressões dos papéis masculinos e femininos. Os homens, diferentemente das mulheres, não tomaram ainda consciência suficiente dessa relação de dominação e portanto da amplitude da exigência da emancipação. Não se trata de anular as diferenças de gênero. A aspiração à grandiosidade, tão comum na alma masculina, não se deixa interpretar a partir da evolução biológica, mas psicológica. A A. continua com reflexões pertinentes sobre a psicologia evolutiva e de gênero.

No mundo das ciências, de modo diverso do da religião e dos sistemas filosóficos, a auto-exaltação masculina é mais sutil. O livro analisa a ideologia dominadora subjacente a certa concepção de ciência e de pesquisa e seus riscos em termos de humanidade.

Concluindo, a A. mostra que a quintessência da glorificação do poder, como se viu na primeira parte do livro, é a afirmação: “Não existe o mal”. Pelo contrário, não se pode aceitar que a destrutividade seja um dado da natureza nem um estado primigênio do ser humano. Poder destrutivo e sadismo supõem consciência humana. A capacidade de destruição não deve ser chamada de “animal” nem ser atribuída a nossos genes. Só o ser humano odeia a si e a seus semelhantes quando não encontra sentido para sua vida nem um lugar sensato na sociedade humana. As formas de destruição não são espontâneas, mas reativas e muitas vezes longamente planejadas. A ideologia da guerra recebe uma sacralização desde a forma como é proposta até a expressão da bênção das armas. E se a bênção é dada dos dois lados, vale a cínica afirmação de Napoleão de que Deus está ao lado do batalhão mais

forte. O texto avança reflexões à base da neuropsicologia em que o pensar é visto em conexão com as imagens acumuladas pela experiência. “Puro pensar sem sensibilidade e emoção é uma ilusão”.

Acompanham todo o livro preocupações fundamentais sobre ideologias que afetam as relações de gênero, as relações da ciência com a natureza, desvendando já na antigüidade mitos que traduziam tais problemas. A A. faz jus à sua condição feminina fazendo crítica clara contra as dominações, à sua formação psicológica desvendando mecanismos inconscientes e à sua cultura clássica analisando mitos. Livro interessante, fortemente marcado por teses feministas, libertárias e humanistas.

João Batista Libanio SJ

---

KONINGS Johan: *Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “Fonte Q”*. São Paulo: Loyola, 2005. 340 pp., 23 X 16 cm. Col. Bíblica Loyola, 45. ISBN 85-15-03056-X.

---

Uma “sinopse evangélica” é uma edição do texto dos evangelhos em colunas paralelas para facilitar a visão de conjunto e a comparação verbal dos mesmos. Nesta sinopse, comparam-se somente os evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas, que se enquadram melhor em tal visão de conjunto e por isso são chamados “sinópticos”. Em boa metodologia, o Evangelho de João deve ser alegado à parte.

O livro é fruto de um trabalho iniciado há trinta anos, cujas versões provisórias foram “testadas” em muitos cursos dados pelo A., o que garante seu caráter didático. Além disso, a obra apresenta-se em tamanho comum e prático

no uso, sendo, pois, concebida como instrumento de estudo dos Evangelhos nos institutos de Teologia, em círculos bíblicos ou no estudo pessoal.

Ainda que já houvesse edições anteriores de sinopses em português (Dattler, Paulinas, 1986; Kayser, Sinodal, 1986), a obra de Konings apresenta uma série de novidades muito interessantes.

Inicialmente, para tornar a comparação dos textos mais segura, os textos dos evangelhos receberam uma tradução inédita, literalíssima, que segue o texto original grego palavra por palavra, o que, além de permitir a reprodução das particularidades do grego do Novo

Testamento, causa ainda um efeito de estranhamento que acaba por ser produtivo, uma vez que o leitor pode receber novas luzes na leitura de textos já muito conhecidos em determinada tradução (cf., p. ex., o texto do Paimosso, p. 38, ou o do Magnificat, p. 7-8). Também a disposição dos textos é inédita, baseada nos mais recentes estudos comparativos

A obra contém (1) uma concisa, porém bastante completa, introdução à “questão sinóptica”, com bibliografia crítica das sinopses e estudos sinóticos na praça; (2) a sinopse de Mateus, Marcos e Lucas; (3) esquemas sinóticos particulares (p. ex., as cinco multiplicações dos pães, as cinco curas em sábado etc.); (4) a sinopse da “Fonte dos Ditos de Jesus” (identificada pela letra Q, inicial da palavra alemã “Quelle”, que significa “fonte”), a qual é um “documento” hipoteticamente reconstituído pelos exegetas a partir da identificação de material comum a Mateus e Lucas e ausente em Marcos, sendo considerado o mais antigo “documento” preocupado em recolher palavras de Jesus; (5) o esquema da inserção de Q em Mateus e Lucas; (6) na margem, os paralelos extra-sinóticos (Antigo e Novo Testamento) e sumárias indicações de crítica documental, baseadas no *Greek New Testament* de Aland e Metzger; (7) o índice das perícopes e de seus paralelos sinóticos; e, por fim, (8) uma página com notas vocabulísticas, comentando certas peculiaridades da tradução.

Apesar dessa riqueza de conteúdo, a obra apresenta-se com formato e volume de um livro “normal”, exceto pelo fato de que o texto não está na disposição costumeira, mas sim “deitados” na página, o que faz com que a obra seja manuseada como um calendário. Essa característica, juntamente com as notas remissivas de diversos tipos, colabora para que não se perca a continuidade ao folhear.

As possibilidades de uso de tão rica obra são múltiplas: estudo comparativo dos evangelhos; estudo redacional de cada evangelho em tradução literal, para quem não domina o grego; estudo da Fonte dos Ditos de Jesus, o que nos permite a maior aproximação ao Jesus histórico etc.

Uma agradável surpresa é a pequena incidência de problemas de revisão, ainda mais tendo-se em vista que se trata de uma obra tecnicamente bastante exigente. Os pequenos e poucos erros não comprometem o escopo da obra, e poderão ser facilmente corrigidos para uma próxima edição. Seria importante, para tanto, que os leitores, acolhendo a solicitação do próprio A. no prefácio, enviassem-lhe correções e observações que pudessem colaborar no aperfeiçoamento da obra.

Com essa obra, dedicada a seu ex-professor da Universidade de Lovaina, F. Neirynck, conhecido especialista dos sinóticos, Konings continua sua admirável tarefa de oferecer ao público de língua portuguesa interessado nos estudos bíblicos instrumentos de trabalho de qualidade. Lembremos aqui sua colaboração indispensável na publicação da tradução brasileira da TEB, da Bíblia da CNBB, bem como seu recente comentário à Liturgia Dominical (Vozes, 3ª ed. 2004). Sua sinopse torna-se uma obra indispensável para a biblioteca de qualquer pessoa que queira fazer um estudo sério e frutífero não apenas dos sinóticos, mas dos evangelhos em geral, uma vez que o conhecimento aprofundado daqueles também pode colaborar na compreensão do evangelho de João, bem como de outras áreas da Teologia (Cristologia, Ecclesiologia, etc.).

Claudio Paul SJ